

SANDRA BYRD

Um romance
gótico e cativante,
que faz lembrar os
melhores livros das
irmãs Brontë.

Nas
BRUMAS
da NOITE

«Uma história de amor bela, atmosférica
e subtilmente misteriosa.»

USA TODAY

TOP
SEL
LER

... o homem fez, e ergueu-lhe
Este mundo magnífico, e a terra
Por trono, senhor dela fez e, oh, infâmia!
Sujeitou-lhe ao serviço asas de anjos,
E ministros chamejantes para a vigia
Do mando terrestre: destes a guarda
Receio, e para fugir assim envolto em bruma
Da meia-noite deslizo obscuro, e espreito
Em cada moita e bosque, onde acaso dê
Com a serpente adormecida; num labirinto
Me ocultar e aos negros desígnios que tenho.

JOHN MILTON, *Paraíso Perdido*

FINAL DE FEVEREIRO DE 1858
BOMBAIM

Eles já se tinham ido embora, todos eles. Já se tinham ido embora, mas não por completo.

Eu ainda os via à meia-noite.

Rendi-me também, partindo. À medida que o navio se afastava da margem, fiquei a contemplar a plumagem cada vez mais distante dos saris — azul-turquesa, verde-esmeralda e laranja-fogo — os braços, pescoços e narizes castanhos e macios, rodeados de ouro, como magníficas aves do Paraíso. Um vestido puído, da caridade, que o autarca de Londres me dera — a mim e a todas as sobreviventes que não tinham nada a que chamar seu —, colava-se-me à pele com um misto familiar de pó e de suor.

O vestido era preto, para o luto.

Agarrei-me à amurada, de ouvidos apurados para a sinfonia tosca de uma dezena de línguas na doca: metade orientais, metade ocidentais, todas misturadas. Os meus olhos estavam cavos; as minhas pernas, bambas como as de uma vitela sagrada hindu, após quase oito meses na Residência com outros sobreviventes.

— Não tarda estaremos em casa, menina. — A Sra. MacAlister retirou uma mão do navio e pô-la sobre a minha, encarando a brisa salpicada de maresia.

Tínhamo-nos conhecido apenas um mês antes, eu pouco sabia dela, mas ela aceitara ser minha dama de companhia nas oito semanas de travessia.

Eu já estava em casa. A Índia era a minha casa. Com os meus pais, o meu irmão, os meus amigos, embora agora privada de todos.

— Inglaterra para si, claro, e Escócia para mim; civilização — prosseguiu ela. — Por fim, teremos paz e felicidade. Segurança para sempre. — Fez um aceno com a cabeça e sorriu, mas o olhar manteve-se inexpressivo; cansado e inquieto como os despojos que o rasto do navio apartava.

Paz e felicidade. Segurança. Tudo isso fora meu até os amotinados indianos aparecerem. Disseram que queriam reivindicar as suas terras; nós dissemos que éramos inocentes: enviados para servir e não para roubar. Havia verdade e equívocos de ambas as partes. Eles mataram os meus pais, acabaram com as minhas esperanças. Mais do que roubarem-me os sonhos, distorceram-nos de tal modo que eu mal conseguia dormir três horas seguidas sem ouvir o sangue gorgolejar na garganta de um homem abatido a cavalo, ou lembrar a insânia aguda nos olhos de uma mulher que assistira ao abate do marido.

Teria sido essa a cara da minha mãe, antes de atirarem o seu corpo, e o do meu pai, para dentro de um poço seco?

Descobri, nessas noites sem estrelas, que perdi não só a minha família, mas também o afeto de Deus... «O Senhor concede o sono àqueles que ama», promete o salmista.

Eu não dormia.

Os sonhos seriam recordações? Fantasias febris? Pouco importava, pois eu não os conseguia afugentar, por mais que tentasse. Talvez fosse assolada por eles para sempre. Talvez me roubassem a racionalidade. Talvez já o tivessem feito.

Mamã, sinto tanto a tua falta!

Olhei mil milhas para sul, onde o meu irmão Peter repousava, na terra fértil de Tamil Nadu, o corpo entregue em sacrifício vivo, anos antes, por via da cólera. Fechei os olhos molhados e evoquei uma antiga lembrança para apagar estas tão frescas: a minha mãe, comigo ao colo, tinha eu 4 anos, a partir de Inglaterra num navio, contra vontade, 20 anos antes, por ordens do meu pai, que ia servir a pátria. A minha mãe não ficara a fitar o horizonte de Inglaterra o máximo de tempo possível. Pelo contrário, recusara-se a olhar para

trás, talvez receosa da lembrança da mulher de Ló, transformada num pilar de sal por desesperar ao perder a pátria, contra as ordens dos anjos de Deus.

Eu, todavia, abri os olhos e contemplei a minha terra adorada até a Índia desaparecer de vista.

Se o único benefício, em troca de me roubarem a pátria, era a segurança, decidi-me a agarrá-la, a mantê-la. A segurança teria de bastar; a paz e a felicidade, desconfiava-se, haviam-se sumido de vez, e eu não me arriscaria a perder a permanência da primeira para alcançar a inconstância das últimas.

O meu coração e a minha mente não sobreviveriam a outro golpe mortal.

Capítulo 1

FINAL DE ABRIL DE 1858

O crepúsculo começara a suavizar a luz do dia. Percorríamos a rua fresca, olhávamos para os números sobre as portas, uma após a outra, as saias na mão para não roçarem nos montes ocasionais de lama e de bosta de cavalo fumegante. Foi com algum alívio que, finalmente, localizei o prédio certo, mesmo antes de fechar. Abri a porta ruidosa e deixei entrar primeiro a Sra. MacAlister.

— Em que posso ajudar? — Uma mulher mais velha interrompeu as suas tarefas quando entrámos no escritório do Dr. Walter Highmore, advogado, em Winchester. Mirou-nos sob as fartas sobrançelas brancas.

— Sou a menina Rebecca Ravenshaw — apresentei-me. — Tenho reunião com o advogado do meu pai.

— Oh! — Ela inspirou e amparou-se nas costas de uma poltrona puída. — Ora essa, não pode ser! Nem é correto da sua parte alegá-lo. — A boca dela ganhou firmeza, num acentuado contraste com a carne mole das faces e do queixo. — A menina Rebecca Ravenshaw já cá não está.

— Já cá não está? — Pisquei os olhos. — Não compreendo.

— Já não é deste mundo. — Ela fitou-me duramente, como olharia para uma imprestável qualquer. — Faleceu.

Faleceu? Ah! Agora compreendia, e tratei de esclarecer.

— Oh, não. A Sociedade Missionária de Londres deve tê-la informado; houve um equívoco. Infelizmente, os meus pais morreram na

Rebelião, mas eu consegui fugir. Passei estes largos meses no norte da Índia, à espera de transporte, e embarquei num dos primeiros navios que trouxe sobreviventes de Bombaim. Acabei de chegar, com a minha dama de companhia. — Esbocei um sorriso simpático e aguardei, em vão, que ela mo retribuísse.

A mulher agarrou-se à poltrona com tanta força que o sangue lhe fugiu das pontas dos dedos de cutículas roídas.

— Calculo que a menina tenha lido os pormenores que saíram no jornal, como qualquer outra pessoa — retorquiu. — Disponíveis para qualquer charlatã rápida e esperta. A menina Ravenshaw morreu. Não há equívoco algum, embora ela tenha morrido aqui, claro, e não na Índia. É uma crueldade da sua parte sugerir o contrário.

A que se referia ela? Eu acabara de lhe explicar a situação, mas ela insistia em laborar no erro, duvidando do meu carácter. Pus-me muito direita e falei com calma.

— Garanto-lhe que estou bem viva, aqui à sua frente. Não se importa de dizer ao Dr. Highmore que me vá visitar o mais cedo que lhe for conveniente?

Ela não me encarou, mas observou atentamente o meu vestido fino e puído.

— Onde devo dizer que a menina se encontra? — perguntou ela com um esgar. — Está hospedada no Swan? Afinal, o Capitão Whitfield tornou a habitar na propriedade. — Depois falou mais baixo, mais para si própria do que para mim: — Embora nem todos aqui considerem que seja seu direito. — Inclinei a cabeça, mas ela despachou-se com a frase seguinte, em voz mais alta, talvez para dissimular a inconfidência anterior: — Coitada da jovem menina Ravenshaw, lá sepultada na capela, em paz, espera-se, mau grado a causa da morte...

— Sepultada em Headbourne? — Se o que ela estava a dizer fosse verdade, só podia haver uma explicação: aparecera uma impostora, fazendo-se passar por mim, que depois morrerá. Um transtorno para todos os envolvidos. Senti um aperto no estômago quando comecei a perceber que as boas-vindas simpáticas e descontraídas

por que esperava poderiam não surgir. Tentei inteirar-me das circunstâncias. — De que morreu a tal mulher?

— Isso não me compete dizer.

— Então quem mo dirá? — A voz saiu-me mais alta e menos senhoril, mas sentia-me cansada e amedrontada. Retesei o queixo para os dentes não me baterem de pavor. O que teria acontecido à minha casa? A casa e as contas do meu pai eram tudo o que me restava.

Ela continuou de lábios franzidos e olhos velados. Era perturbante que alguém se tivesse feito passar por mim, e agora tivesse morrido, mas eu passara por muito pior na Rebelião, e não me deixaria dissuadir naquela última etapa da viagem, sob pena de perder tudo.

— Não conheço o Capitão Whitfield, nem sei por que razão está na minha casa — disse-lhe, na voz mais firme que consegui —, mas talvez deva tratar de o conhecer imediatamente.

— Pode encontrá-lo em casa. — Ela fungou e limpou o nariz a uma manga cheia de pó. — Na Headbourne House.

A Headbourne House era propriedade nossa. A casa do meu pai. A minha casa! Quem era o Capitão Whitfield? Porventura outro impostor. Talvez o marido dessa mulher recentemente falecida que se fizera passar por mim.

— Quando o Dr. Highmore voltar, irei informá-lo de que a menina cá esteve.

Praticamente, enxotou-nos porta fora, fechando-a atrás de nós e baixando a persiana.

A Sra. MacAlister fitou-me de soslaio e enterrou mais o chapéu na cabeça.

— Mas que estranho!

Afastou-se um passo de mim. Eu pouco tinha para provar quem era. Nada, aliás. Quem me conhecia estava a milhares de quilómetros de distância por mar, num país atualmente dividido por tumultos e com comunicações difíceis.

Entrelacei as mãos, só então reparando que estavam a tremer demasiado.

— Não tardaremos a corrigir tudo — afirmei, embora não estivesse muito certa disso. A situação, além de ser completamente inesperada, era inconcebível. Mais tarde pensaria em como lidar com aquilo, mas ainda me sentia demasiado cansada, e precisava de manter a cabeça fria.

Os coches de aluguer, que minutos antes enxameavam as ruas, pareciam ter sido todos ocupados, e não se via nenhum. Finalmente, vislumbrei um, bem mais à frente na rua escorregadia da chuva, e fiz-lhe sinal. Começou a mover-se na nossa direção; tinha um aspeto decrépito. Uma roda abanava ebriamente; a outra tinha uma lasca bem visível e faltava-lhe um raio. O cocheiro lá trouxe a sua equipa até nós. Quando os cavalos se aproximaram, desviei-me deles, mas, ao contrário da maioria dos cavalos, eles não se desviaram de mim. Ao invés, pareciam inclinar-se para mim, e recuei para fugir ao hálito quente e àqueles dentes que mais pareciam molas da roupa.

Não se via outros coches. As brumas da noite começavam a deixar um brilho leve na cara da Sra. MacAlister, e ela arrepiou-se.

— Para a Headbourne House — indiquei ao cocheiro, sem mais delongas.

— Essa corrida é bastante cara — advertiu ele. Fitou-me sem reservas; tinha os olhos leitosos, e como era estrábico, eu não sabia onde fixar os meus. Abri a bolsa e tirei ansiosamente uma moeda de prata. O homem continuou de mão aberta, e eu acrescentei outra moeda, com relutância.

Ele não se mexeu, mas fechei a bolsa. A Sra. MacAlister não contribuiu com uma das suas moedas, como deveria ser, e até virou a cara para o outro lado. O cocheiro acenou com a cabeça para entrarmos, mas não nos prestou auxílio. Icei primeiro a Sra. MacAlister e depois entrei. Ela estava involuntariamente calada quando a parelha arrancou e seguiu.

— A senhora está bem? — perguntei. Eu estava cansada da viagem, ainda a convalescer dos meses de hospitalização, e sem paciência para sondar a hesitação que parecia subitamente tê-la acometido.

— Certamente. — Não levantou a cabeça, mas tinha a testa franzida de preocupação. A voz saiu-lhe anormalmente fria e indiferente.

O cocheiro estalou a chibata sobre a parelha e os cavalos aceleraram. A Sra. MacAlister, que me conhecia e compreendia o sofrimento que eu suportara, já não confiava em mim. Talvez também ela me achasse uma impostora, que soubera da morte da família Ravenshaw antes de me dirigir à Residência com os outros sobreviventes. Era verdade, lá ninguém me conhecia; simplesmente acreditaram que eu era quem dizia ser.

Entretanto, alguém em Inglaterra alegara ser Rebecca Ravenshaw, e também tinham simplesmente acreditado nela.

— A menina tem profundos conhecimentos das Escrituras, certamente, como seria de esperar de uma filha de missionários — murmurou a Sra. MacAlister, para ficar descansada, deduzi, antes que a dúvida da minha identidade a privasse dessa garantia. — Mas qualquer jovem bem-criada teria. Eu não sabia muito de si quando nos conhecemos entre os sobreviventes; apenas o que me contou. O que contou a toda a gente.

— Sou filha bem-criada de Sir Charles e Constance Ravenshaw, missionários no sul da Índia estes anos todos, e, como a senhora sabe, estou de regresso a Inglaterra. A Sra. MacAlister é... viúva de um médico escocês?

Ela fez má cara.

— A menina sabe bem que sou.

E eu também sou quem digo ser. Olhei pela janela do coche, para a rua e a cidade. Os prédios altos e estreitos, de pedra e tijolo, soltavam fumo negro, sujando tudo em redor. As ruas empedradas eram demasiado diferentes das alamedas amarelas e soalheiras de terra batida a que eu estava habituada. A melancolia e a noite caíram pesadamente, uma após a outra, como duas cortinas de uma carruagem, à medida que saíamos da cidade e penetrávamos no campo verdejante, por entre trepadeiras e carvalhos. As cores não tardaram a fundir-se todas em castanho, e eu comecei a sentir-me cada vez mais receosa. O homem saberia o caminho? Estaria a levar-nos ao sítio certo? Sacudi-me para enxotar esse pesar. Tola. Porque é que não haveria de estar?

O ar arrefeceu, e vislumbrei um bando de pássaros ao longe. Um pensamento indesejado toldou-me a mente. Se fora tão fácil

semear a dúvida na mente de uma mulher que deveria saber quem eu era, quão difícil seria convencer quem já tivesse conhecido a falsa menina Ravenshaw de que eu era, de facto, quem dizia ser?

Cerrei as mãos, enterrando as unhas ligeiramente na carne, para me manter completamente alerta. A única coisa que tomara como dado adquirido fora que, quando chegasse a Inglaterra, teria um porto seguro e permanente. Como poderia agora essa certeza estar em risco? Obriguei-me a respirar fundo, ao ritmo dos cascos dos cavalos, para acalmar o espírito.

— Estamos quase lá, menina — bradou o cocheiro. — Dez minutos.

Puxei os punhos do vestido para os endireitar. Quem era o Capitão Whitfield? Um velho da marinha, talvez, com uma venda num olho e pele encorreada, que encontrara maneira de aproveitar o infortúnio da minha família.

Anoitecera já por completo. Compus o cabelo e puxei desajeitadamente o chapéu muito gasto, quase arrancando um fio daquele tecido tão frágil.

Quando ficaria sem dinheiro? Cedo demais, fosse quando fosse.

— Devíamos ter ido para a pousada primeiro, menina — disse a Sra. MacAlister, com os lábios apertados e franzidos.

Não reagi, porque, na verdade, concordava com ela. O coche saltitava por um acesso comprido e irregular que não me era estranho, embora me recordasse dele amplo e luminoso, e não coberto de vegetação e esburacado, como agora. Tive a sensação, mais do que uma lembrança, de que aquela era a minha casa. O meu regresso ao lar, que devia ser assinalado com alegria e alívio, toldara-se, incomodativamente, de preocupação.

Lá estava a casa, claro, pairando ao longe, à direita do acesso, que descrevia uma curva à frente do edifício e depois se afilava até aos estábulos, nas traseiras. Lembrei-me da estrebaria escondida lá atrás, prolongando-se para um dos lados. Se fosse de dia, deveria conseguir ver as suaves colinas que envolviam a propriedade como um presente embrulhado. O coche abrandou e eu avistei a casa das visitas, mais ao longe.

Creio que a minha avó Porter lá ficou uma vez.

Muito para além da casa das visitas, ficava a capela e o cemitério da família. Onde *ela* estava agora sepultada. «Coitada da jovem menina Ravenshaw, lá sepultada na capela, em paz, espera-se, mau grado a causa da morte...»

Estacámos, e o coche abanou por segundos sobre as molas velhas.

— Fico à sua espera, para a viagem de regresso? — perguntou o cocheiro.

Assenti com a cabeça.

— Sim, por favor.

Ele estendeu a mão mais uma vez, e eu tornei a dar-lhe uma moeda preciosa.

— Eu espero no coche — disse a Sra. MacAlister. — Não se demore. — Talvez ela estivesse a considerar a possibilidade de me abandonar ali e voltar à segurança da cidade e da pousada. A sua ansiedade e desconfiança atravessaram o miasma e assentaram sobre os meus ombros.

— Não se vá embora enquanto eu não disser.

O cocheiro assentiu e, dessa vez, ajudou-me a descer. Comecei a caminhar devagar, encolhendo-me ligeiramente, pois o pé ainda não tinha sarado por completo da lesão sofrida quando fugimos da Rebelião. Passei por dois leões de pedra, na subida do carreiro, deteriorados e parcialmente cobertos pelo musgo. De repente, veio-me uma lembrança de mim e do Peter a rugirmos para eles, rindo-nos por os leões terem ficado em silêncio. Agora, talvez devido ao ângulo da Lua, só lhes via os sorrisos dentados e ameaçadores. «*Ainda aqui estamos, mas tu não és bem-vinda.*»

Rebecca! Controla-te. Os animais de pedra não falam.

Havia andaimes em certas partes da mansão, bem como grandes extensões completamente ignoradas e envoltas em sombra. Começaram a acender-se candeeiros nas salas da frente, como olhos que finalmente se abriam. Quem estava lá dentro certamente ouvira-nos chegar, naquela noite sossegada e húmida. Subi os inúmeros degraus, mas, antes de chegar à porta e bater, esta abriu-se.

Deparei-me com um homem de meia-idade, imponente, de cabelo grisalho, curto.

— Capitão Whitfield? — perguntei.

— Certamente que não — respondeu-me ele, num tom taciturno, afastando-se.

No átrio, estava um homem alto, talvez cinco anos mais velho do que eu, de barba escura, bem aparada, roupa de corte fino e botas lustrosas. Olhei para cima e fitámo-nos. Ele era jovem. Atraente e bem cuidado, admiti, num contraste acentuado com o estado da propriedade. Talvez fosse do meu cansaço, ou do choque ao constatar que ele era demasiado diferente das minhas expectativas, mas não desviei o olhar, e ele também não.

— Sou o Capitão Luke Whitfield — disse-me, pois não havia mais ninguém presente para nos apresentar devidamente. — E a menina é...?

— Sou a menina Rebecca Ravenshaw — respondi, ao que se seguiram murmúrios entre o pequeno grupo de criados, mais atrás, no amplo vestíbulo. O Capitão Whitfield manteve a compostura, embora lhe tenha perpassado no rosto um vislumbre de surpresa. — Constou-me que se diz que morri, mas posso garantir-lhe que não.

O Capitão Whitfield desviou-se e fez-me sinal para entrar.

— Todos podem ver que está claramente, vigorosamente, viva.

Estará a ser atrevido? Ou a fazer troça de mim? A força fugiu-me e os nervos assomaram; não me sentia minimamente preparada para uma discussão.

— Se é realmente a menina Ravenshaw, todavia, será, quando muito, improvável, pelo menos para aqueles entre nós que não acreditam em fantasmas. Landreth, queira levar a... senhora para a sala de estar.

Fechei os olhos por um segundo e baloicei-me sobre os pés para não desmaiar. O Capitão Whitfield também não acreditava em mim. Claro, porque haveria de acreditar? Todos pensavam que eu tinha morrido recentemente!

Quem me poderia ajudar a fazer valer os meus direitos? A minha família estivera 20 anos fora da Headbourne House, e, antes disso,

tomara conta de uma igreja heterodoxa pouco frequentada. O mais provável era não haver ninguém vivo que se lembrasse de mim, de como eu era em pequena, quanto mais reconhecer-me já mulher.

Abri os olhos e encarei novamente o capitão, muito direito, o sorriso reservado. Senti-me paralisada por momentos, genuinamente receosa, pela primeira vez, de que não pudesse provar quem era.

Não o permitirei. Simplesmente, não posso, sob pena de ficar sem abrigo... Não posso voltar para a Índia. Não tenho dinheiro para a passagem nem sustento para lá viver.

Ele olhou para a porta da frente.

— Veio alguém a acompanhá-la?

Assenti com a cabeça.

— A minha dama de companhia, a Sra. MacAlister, está à espera no coche. — Ela devia ter entrado comigo.

Uma jovem trouxe um bule de prata de chá. Olhei para trás dela, para o sofá, e lembrei-me de estar sentada naquele mesmo sofá, em pequena, com os pés muito acima do chão.

— Menina? — O Capitão Whitfield chamou-me a atenção.

— Perdoe-me. Sim. — Voltei abruptamente ao presente. — A minha dama de companhia aguarda que voltemos à cidade, depois de eu falar consigo por um momento. Vamos ficar na pousada.

Ele assentiu com um aceno.

— Está tudo tratado?

Neguei com a cabeça.

— Chegámos tarde, mas foi-nos sugerido que ficássemos no Swan.

A jovem criada deixou cair a bandeja, e o mordomo, o Landreth, fitou-a severamente.

— Não pode ser — retorquiu o Capitão Whitfield. — O Landreth irá dizer à Sra. MacAlister que entre, e podem passar a noite no chalé das visitas.

— Obrigada. Agradeço a oferta, mas o Swan serve muito bem.

Ele assentiu, e eu suspirei, aliviada pela primeira vez nessa noite. O meu pai costumava dizer que eu poderia confiar num militar inglês, e parecia ter razão.

Peguei na chávena de chá; o motivo azul e branco que a decorava era-me vagamente familiar.

Olhei para a minha mão, segurando a chávena delicadamente pela asa, e pestanejei para conter as lágrimas. Inesperadamente, achei-a muito parecida com a mão da minha mãe. Talvez fosse o motivo da porcelana que me fizesse rememorar. Ela não deixara que os preceitos de tomar chá me fossem ensinados por uma aia; à semelhança de todos os costumes ingleses que a minha mãe queria transmitir, tratara disso pessoalmente. Recompus-me e tentei falar numa voz tranquila.

— Espero falar com o Dr. Highmore, o advogado do meu pai, assim que lhe for conveniente, e a situação ficará resolvida, disse estou certa.

— Pedir-lhe-ei que venha o mais rápido possível — disse o Capitão Whitfield. — Deprendo que a menina esteja cansada. A cozinheira fará jantar para as senhoras, e a minha governanta, a Sra. Blackwood, levar-vos-á até ao chalé das visitas.

— Mas... — comecei, perplexa. Nisto, a Sra. MacAlister apareceu à porta da sala com as nossas bagagens. Antes de fecharem firmemente a porta da casa, ainda vi o coche a retirar-se pelo longo acesso irregular, e olhei para o capitão, engolindo em seco. — Pensei ter deixado claro que voltaríamos a Winchester para pernoitar.

— Insisto que sejam minhas convidadas — retorquiu o Whitfield. — Até o Dr. Highmore poder, como a menina disse, resolver a situação. Nessa altura, a etapa seguinte ficará óbvia para todos nós.

Ele falava como um cavalheiro, mas não havia dúvida de que as palavras categóricas continham uma ameaça. Passaram-me ideias pela cabeça. Estávamos a quilómetros de distância de qualquer outra residência, e, mesmo que eu tivesse meios e orientação para chegar a alguma delas, o que diria? Sou a filha pródiga da casa ao fundo daquela estrada, dada como morta, mas estou viva, e ando aqui no campo a desoras com uma idosa viúva escocesa?

Não havia possibilidade de enviar uma carta ou um telegrama, exceto por meio do Capitão Whitfield. Porém, aquela era a minha casa. Não o deixaria aperceber-se do medo que me corria nas veias.

Recompus-me e escondi esse medo bem fundo, na esperança de que acabasse por se dissipar.

— É muita bondade sua — consegui dizer, num tom confiante.
— Decerto parecer-nos-á mais acolhedor do que o Swan.

— Fico aliviado por sabê-lo — respondeu ele, com um sorriso provocador e um olhar firme. Para meu descontentamento, corei perante a sua atenção. Ele pegou-me na mão enluvada e segurou-a por brevíssimos momentos, provocando-me uma onda de calor. Reparei na pausa antes de me soltar. — Fico a aguardar saber mais de si, em breve. — Desta vez, as palavras saíram-lhe brandas, e eu sabia o suficiente acerca da natureza humana para acreditar que ele estava a ser sincero, pelo que baixei também um pouco a guarda.

Mais tarde, quando a Sra. Blackwood nos instalou no chalé das visitas, fiz questão de lhe agradecer, e, antes de ela sair, perguntei:

— Porque é que o Capitão Whitfield ficou aliviado quando respondi que ficaríamos mais bem instaladas aqui do que no Swan?

Ela estava a tratar dos castiçais, garantindo que nem um pingo de cera derretida resistiria à sua unha. Só depois respondeu:

— O Swan é um bordel, menina. Boa noite. — Apagou as lamparinas todas, à exceção de uma, e fechou a porta atrás de si.

Um bordel?!

A audácia daquela mulher no escritório do Dr. Highmore!

Apaguei a última lamparina e deitei-me na cama, com os joelhos junto ao peito; tremiam de frio e de medo. O que faria eu se a situação não ficasse resolvida? Não tinha para onde ir. Como é que iria viver? Não tinha ofício. Não havia caridade para missionários retornados; esperava-se que a família tratasse deles, e todas as novas verbas iriam para a lavoura. Ora, eu não tinha família; a mãe e a irmã da minha mãe, de Honiton, haviam falecido alguns anos antes. A linhagem do meu pai terminara num ramo fino... ou assim o julgava eu.

Teria o Capitão Whitfield direito à Headbourne House através do meu pai? Por que razão estava ali?

Suspirei. O Capitão Whitfield, carcereiro residente; a sua insistência em que ficássemos deixara-me pouco à vontade. Todavia, aquele último sorriso fora genuíno e brando. Preocupara-se exigindo que

a nossa refeição não estivesse fria, como seria de esperar, mas quente e da melhor qualidade. Eu não sabia o que pensar dele.

O luar derramava-se pela janela. Eu tinha medo de dormir, de ser visitada pelos meus entes queridos em sonhos assombrados, pelo que me levantei para ir ver a Lua. Na verdade, não conseguia ver mais de meio metro à minha frente, tal era a bruma que obscurecia tudo. Seria possível alguém aproximar-se da janela sem que eu visse? Fechei as cortinas e repreendi-me por ter ideias tão tolas. *Devo estar cansada. Claro que estou cansada!*

Voltei para a cama e fiquei a ouvir os ruídos da casa. Após algum tempo, julguei ouvir passos. Cada vez mais sonoros e próximos; pareciam vir em direção à minha porta. Pararam. Esperei, mal conseguindo respirar, que retomassem o caminho. Teria realmente ouvido, ou seriam mais ideias tolas? A minha mente estaria a ceder à imaginação?

Após alguns minutos de silêncio, saí da cama sem fazer barulho e empurrei o enorme toucador de nogueira para barrar a porta do quarto.

Capítulo 2

Bateram à porta do meu quarto, bem cedo, na manhã seguinte.
— Sim?

Um feixe de luz entrava pela frincha dos cortinados bem fechados; de resto, o quarto permanecia na obscuridade.

— É a Annie, a criada de dia — respondeu uma voz jovem.
— A Sra. Blackwood mandou-me tratar da menina, e a cozinheira preparou um pequeno-almoço ligeiro. Posso entrar, menina?

Soergui-me na cama, ainda a oscilar ao ritmo do mar.

— Com certeza, Annie, faça favor. — Puxei as mantas à minha volta, pois só havia uma camisa de noite leve nos pertences que nos tinham atribuído.

— Ah... A porta não abre, menina.

— Um momento — pedi. Queria tanto causar boa impressão, e já estava a começar com o pé esquerdo. Saí da cama e, tentando fazer o mínimo barulho possível, empurrei o toucador para o seu lugar. Voltei para a cama e disse: — Já pode entrar.

A Annie entrou e pousou uma bandeja sobre o toucador. Olhou para ele, olhou para mim e tornou a olhar para o toucador.

— Pareceu-me ouvir passos durante a noite — admiti, sentindo-me um pouco tola.

— Só cá dormiram a senhora e a menina — retorquiu ela, inclinando a cabeça.

— Talvez fossem fantasias do cansaço — sugeri alegremente.

Ela dirigiu-se às janelas e abriu os cortinados com um gesto dramático, dando entrada ao brilhante sol matinal.

— Não sou camareira, mas, como não há senhora nesta casa, sou a única que pode ajudar a menina a vestir-se. Se a menina me quiser. Sorri-lhe.

— Tenho-me dado bem sem camareira desde a Rebelião, obrigada, mas agradeço a sua ajuda.

— A menina Ravenshaw era uma senhora — comentou a criada. Outra indicação claríssima de que eu, além de não ser uma senhora, também não era a menina Ravenshaw.

— Obrigada pelo elogio — respondi. Ao vê-la franzir o sobrolho, percebi que não o dissera como um elogio. Ela sacudiu-me o vestido preto e passou um pano molhado pelo tecido. — A mulher que se fez passar por mim tinha camareira? — perguntei.

Dirigi-me para o toucador e sentei-me. Queria deixar bem claro desde logo que essa mulher se fez passar por mim, e que eu era quem dizia ser.

— Oh, sim, menina! — respondeu ela, entusiástica. — Tinha uma criada indiana, claro, e depois teve uma criada francesa, da costureira em Winchester, que a ajudou a encontrar os vestidos mais finos, e sapatos e botins. A maioria em preto e cinzento, claro. Mas ela não tinha a pele muito branca. — Observou-me o rosto, ainda ligeiramente queimado do sol indiano.

— A minha pele morena, juntamente com o cabelo e os olhos castanhos, ajudaram-me a fugir com vida, disfarçada com um sari.

— Compreendo — disse ela, com os olhos velados. — Se assim for, a sua pele não tarda a ficar branca outra vez, não é, menina?

Enquanto ela me escovava e entrançava o espesso cabelo castanho, tentei arrancar-lhe mais informações, aproveitando a sua abertura.

— E há criadas indianas por aqui? — perguntei. Talvez, se houvesse, eu pudesse descobrir algo que me ajudasse a perceber quem tinha sido a impostora.

— Oh, não, menina — respondeu ela. — Eu nunca tinha visto uma pessoa indiana antes de a criada chegar. De certeza que ninguém

da minha família viu. Somos muitos a servir, compreende? Mas não conheço nem nunca tinha ouvido falar de uma criada indiana.

Fiquei desapontada. Teria de abordar o assunto de outro ângulo, mais tarde.

— A Annie disse que não havia senhora nesta casa. Então não existe nenhuma Sra. Whitfield?

Ela riu-se.

— Ainda não, menina, mas, hoje em dia, são muitas as que desejam ser a Sra. Whitfield. Agora que ela morreu, com esta casa grande e aquele dinheiro todo... Um militar, bem, a menina sabe como é... Há senhoras que nem se ralam com os boatos!

— Boatos? — Falei em voz baixa, mantendo o rosto inexpressivo.

Ela parou e abanou a cabeça, talvez percebendo que teria falado demais.

— Pronto, já está — limitou-se a responder. — O Capitão Whitfield mandou chamar o Dr. Highmore, e ele não deve tardar — concluiu, saindo do quarto.

Fiquei à espera do advogado na saleta, com tapetes acabados de sacudir e madeira encerada com limão.

Não tive de esperar muito. A Sra. MacAlister mandou-o entrar, embora o ar azedo na sua cara me indicasse que não gostava de servir de governanta, além de dama de companhia. Pedi desculpas em voz baixa. O que poderia fazer?

— Dr. Highmore. Obrigada por vir até cá.

Ele tirou o chapéu e fez uma vénia muito hirta.

— O prazer é meu, menina...

Suspirei.

— O meu nome é Ravenshaw. Rebecca Ravenshaw. A única cuja existência conheço. Se não se importar... — Fiz-lhe sinal para se sentar. — Deixa-me confusa que toda a gente pareça pensar que morri, quando não morri.

Ele pousou o chapéu ao seu lado.

— A menina Ravenshaw regressou da Índia no verão passado, no final do verão passado, após os pais terem sido assassinados na Rebelião — disse ele. — Tinham-na deixado com amigos em

Madrás, a caminho do Norte, e, assim que lhe chegaram notícias da morte imprevista dos pais, ela fugiu, e muito bem, para Inglaterra, com a criada indiana, antes de alguém conseguir escapar ao tumulto no norte da Índia.

Senti-me corar. Ela roubara-me a identidade, bem como a minha história; dera a entender que os meus pais me quiseram abandonar, e depois tentara lucrar com as mortes que tantos enfrentaram corajosamente.

Abanei a cabeça, para desanuviar os meus pensamentos e mostrar discordância.

— Posso garantir-lhe, Dr. Highmore, eu sou a Rebecca Ravenshaw, e os meus pais não me deixaram em Madrás, nunca o fariam, seja lá o que for que essa arrivista tenha alegado.

O Dr. Highmore levantou-se, claramente abalado com a minha linguagem.

— Com sua licença, menina.

Lembrei-me imediatamente de um provérbio que o meu pai me costumava dizer; aparentemente, eu ainda não o tinha assimilado: «Vede o homem que é impetuoso com as palavras; há mais esperança num tolo do que nele.»

— Queira aceitar as minhas desculpas, Dr. Highmore — disse. — Foi uma longa viagem, e estou transtornada por encontrar em casa esta situação perturbadora. — Não lhe mostraria quão verdadeiramente perturbada me sentia por dentro. Comportando-me como uma senhora, inclinei a cabeça de forma submissa. Não seria preciso muito para aquela gente me pôr na rua de vez, com pouco ou nada de meu, se tivessem motivos para desconfiar que eu não era a decorosa filha de um missionário que afirmava ser.

«Fala apenas depois de refletir, Rebecca. Sê gentil», dizia a minha mãe. «Uma senhora de boas famílias só diz o que pensa em voz baixa, se é que o diz de todo.»

Lamento, mãe. Ergui a cabeça. Não devia responder à minha mãe, nem sequer na minha mente. Era... censurável.

O Dr. Highmore pigarreou, o catarro a resistir repetidamente, até ceder. Depois voltou a sentar-se, aparentemente mais calmo.

— Conversámos bastante com a menina Ravenshaw antes da sua morte, e ela sabia tudo acerca de Sir Charles e da sua esposa, a Constance. Vieram visitá-la da Sociedade Missionária Londrina, e ela mostrou-se à vontade com todas as perguntas, e eles com as suas respostas. Até tinha alguns pertences da esposa de Sir Charles. Estou convencido de que ela era, de facto, quem dizia ser. Não me enganam facilmente.

— Decerto que não — respondi, num tom apaziguador. — De que pertences se tratava, se é que posso perguntar?

— Peças da missão, creio. — Percebi pela boca dele que não revelaria mais nada.

— Como é que essa mulher morreu?

Ele não me encarava.

— Todos sabiam as provações por que ela tinha passado: perder o irmão, os pais, a casa; embora tentasse animar-se e superar o sucedido, foi um fim deveras trágico. No Natal, pensa-se na família, portanto não foi completamente inesperado, percebe?

— Estava doente?

Ele passou o polegar pela aba do chapéu.

— Consta que atentou contra a própria vida, menina.

Consta que atentou contra a própria vida? Um arrepio percorreu-me o corpo.

Ele olhou pela janela por cima do meu ombro, para longe, onde ficava a capela da família.

— Está sepultada ali. Numa campa nova. Mais para o fundo. Abalou-nos bastante, menina. Todos nos tínhamos afeiçoado a ela. Não sei se alguém já o terá superado. Quando aparece uma pessoa a afirmar ser ela, bem, pode imaginar que isso não suscite compaixão nem boa vontade. — Ele tirou um lenço engomado da algibeira e assoou-se; se seria de desgosto genuíno ou para conferir mais efeito dramático, não sei dizer. — Todos pensámos que talvez tivesse adoecido com uma qualquer maleita das Índias Orientais, uma dessas enfermidades estranhas que surge e mata rapidamente. Também isso seria compreensível. Mas não. Foi pela sua própria mão. O médico confirmou. — Ele olhou para a porta.

— Lamento verdadeiramente a morte dessa jovem — disse-lhe com brandura. E lamentava, tinha pena dela pelos demónios que a teriam levado a atentar contra a própria vida. — Mas a verdade é que se fez passar por mim, o que é crime. Talvez ela tenha ouvido alguém falar nas mortes da minha família, na Sociedade Missionária Londrina, e tenha procurado ganhar com o nosso infortúnio.

— Havia notícias de que morrera a família inteira. Chegou um telegrama de Londres. Lembrei-me disso esta manhã. Os telegramas não mentem. — Ele olhou para mim, fitou-me, e admito ter murchado um pouco com o calor daquele desprezo. — Certamente que é crime fazer-se passar por outra pessoa. Sobretudo se for para ganhar propriedades a que não se tenha direito.

Abordei aquela acusação velada.

— Mas eu sou a menina Ravenshaw! — A cabeça latejava-me ao ritmo do meu frustrado coração.

Lobriguei um homem volumoso à entrada, atrás do Dr. Highmore. Ainda não tinha reparado nele. A Sra. MacAlister afastou-se mais de nós, para o fundo da sala.

— Se mo permitir, gostaria de lhe fazer algumas perguntas, a que apenas a legítima menina Ravenshaw poderia responder. — O Dr. Highmore olhou novamente para cima e fez um aceno de cabeça ao homem que estava à porta.

Aproximei a minha cadeira.

— Certamente.

— Sabe onde é que o seu pai investiu fundos? O dinheiro que ganhou na guerra com a Birmânia?

— Dr. Highmore, asseguro-lhe que o meu pai não falava em investimentos com a família, exceto no que tocava ao investimento nas almas, a que ele era muito dado, notável e admiravelmente. — *Por vezes, em detrimento de tudo o resto e de todos.*

O Dr. Highmore assentiu e fez perguntas acerca da nossa missão, insistindo em pormenores obscuros sobre as incumbências da minha mãe nas rendas e na educação. Com que frequência algum de nós voltara a Inglaterra? Parte dessas informações seriam do domínio público, pensei, mas certamente não todas, nem sequer a maioria.

— Assim já ajuda? — perguntei.

— Talvez. Tratarei de combinar uma visita da Sociedade Missionária Londrina; eles também quererão, decerto, ouvir a menina contar a sua... história. Agora que as comunicações já estão relativamente fiáveis, também vou inquirir junto da missão em Travancore; eles poderão tomar a decisão final quanto à sua identidade. Espero ter resposta dentro de três ou quatro meses acerca da verificação da sua identidade. Estamos em finais de abril, portanto... — ele contou pelos dedos — imagino que seja em agosto.

— Agosto? — levantei-me. — O que será de mim?! O que farei até lá?!

— A menos que tenha família ou amigos que a possam acolher, ficará entregue à caridade do Capitão Whitfield, ou não, como ele achar melhor — respondeu o Dr. Highmore. — Se ele a mandar embora, queira deixar uma morada para poder ser contactada. Até lá, vai esperar pacientemente e deixar-me fazer o meu trabalho. — Virou-se para mim abruptamente. — Qual era o nome de solteira da sua mãe?

— Porter — respondi sem hesitar, mas algo chocada. Estaria ele implicado naquilo, de algum modo? Estaria a empatar, talvez para encobrir uma má gestão do dinheiro do meu pai? — Dr. Highmore?

— Sim? — Ele virou-se novamente para mim, a cauda do fraque a oscilar, o porte orgulhoso como uma afronta.

— O velho Dr. Highmore era o advogado original do meu pai. Talvez o senhor tenha algum interesse pessoal na maneira como o dinheiro do meu pai é gerido. Era gerido.

Vislumbrei uma centelha de medo. Afinal, preocupava-o ter cometido um erro crasso, e cometera-o.

— Assumi as responsabilidades quando o meu pai faleceu, há alguns meses. A minha integridade e reputação são conhecidas nesta área. Quando, ou se, eu entregar os documentos à menina, também haverá um relatório completo desde o dia em que o seu pai partiu para a Índia. Tenha um bom dia. — Pôs o chapéu na cabeça e saiu.

Levou a Sra. MacAlister consigo para tratar da sua viagem de regresso à Escócia. À exceção da Annie, fiquei sozinha.

Respirei fundo várias vezes para me acalmar.

— Quem era o homem que ficou à porta? — perguntei em voz baixa.

— O grande? — indagou ela, ao que assenti. — Ora, é o guarda, menina.

Virei-me.

— O guarda?

— Sim. Ele conhece bem o Dr. Highmore... e o Capitão Whitfield, naturalmente — respondeu ela. — Estiveram juntos no exército.

— Compreendo. — E compreendia. Senti a respiração novamente acelerada. — O guarda costuma vir cá?

— Oh, não. Creio que a última vez que o vi foi quando, bem, quando ela morreu. Chamaram o Dr. Highmore, claro, e o capitão mandou chamar o guarda e o médico.

— Depreendo que o médico também conheça bem o Capitão Whitfield.

— Sim, menina, conhece. — Parecia admirada por eu saber isso.

Senti um grande desânimo. Era compreensível que a menina Ravenshaw tivesse falecido, dissera o Dr. Highmore. Depois de tudo o que tinha passado, quem iria duvidar disso? Se não se conseguisse provar o suicídio, de que estavam todos convencidos, uma misteriosa doença estrangeira serviria de causa.

Para ela. Talvez para mim também se não tivesse cautela. Haveria mesmo alguém a cobiçar-me a casa e a herança? A humidade da primavera agarrou-se a mim e estremei, mas afastei-a da testa com um lenço.

Ora essa!, disse para comigo. *Não nos vamos entregar a fantasias.* Antes da Rebelião, em que tudo o que eu conhecia ficou virado do avesso, tinha uma noção clara e firme do funcionamento das coisas no mundo. Depois vi soldados indianos a abaterem brutalmente homens, mulheres e crianças inglesas pelo caminho, e soldados ingleses a matarem indianos com uma violência que ninguém diria possuírem com aquele porte tranquilo. Fui apanhada completamente desprevenida nessa altura. Talvez já não soubesse avaliar bem a realidade.

Fui à janela, mas tentei evitar mirar a capela e o cemitério, onde jazia a campa fresca com o meu nome. Desviei o olhar.

Mais perto, via-se a casa, a minha casa, com toda a clareza, à luz do dia. Era maior do que me lembrava, talvez tivesse 30 divisões, incluindo as do andar de cima, onde ficavam as arrecadações e os quartos das criadas internas, quando as tínhamos. Parecia haver janelas partidas, e os caixilhos estavam deteriorados. Os amplos jardins, que se estendiam até às colinas verdes e brandas, estavam irremediavelmente repletos de vegetação emaranhada, como o cabelo empastado de uma criança mal-amada e negligenciada.

Olhei para o segundo andar. Era nova quando partimos, mas lembrava-me de que eu e o Peter dormíamos em quartos próximos, com o aposento da nossa ama entre os dois. Costumávamos passar por ela, que ressonava baixinho, para brincarmos juntos a desoras.

Se o Peter não tivesse morrido, aquela casa seria sua, não minha. Ele teria tomado conta de mim. *Tenho de tomar conta de mim mesma, da casa da nossa família, pois fiquei com esse encargo. Terei de ser inteligente. Fico entregue à caridade até se comprovar quem sou. Se for possível comprovar-se.*

Senti, mais do que vi, alguém entrar na sala, e virei-me.

— Capitão Whitfield.

Ele estava à porta, trajado com magnífica roupa de montar. De súbito, percebi que tinha o mesmo vestido preto em segunda mão que usara no dia anterior. Depois fiquei irritada comigo mesma por me ralar que ele me considerasse elegante ou não. O que importava?

— Espero não estar a interromper...

— De todo — respondi. A Annie estava ao fundo da sala, e ainda bem, pois a minha dama de companhia tinha saído. Altamente irregular. Eu não poderia ficar sozinha com ele, especialmente devido aos meus comentários recentes sobre o Swan. Ele indicou que me sentasse no sofá, o que fiz, e ficou com a cadeira.

— O Dr. Highmore diz haver algum mérito na sua alegação — começou ele.

— O Dr. Highmore irá certamente confirmar que eu sou a dona da casa — retorqui, cansada e farta dos acontecimentos do ano

anterior. Nisto, novamente ciente de que estava à mercê do Capitão Whitfield até se comprovar alguma coisa e de que ele me tratara com toda a bondade, suavizei o tom de voz. — Lamento, Capitão Whitfield. Compreendo que... bem, que isto seja inesperado também para si. Posso perguntar... — De repente, perdi a coragem, novamente ciente de não ter o direito de exigir respostas a ninguém, embora toda a gente tivesse, até então, o direito de me pedir explicações.

— Como vim cá parar? — Ele pousou as luvas, pretas com padrões entrecruzados no punho, e a chibata. As suas mãos mostravam-se, simultaneamente, macias como as de um cavalheiro e fortes como as de um homem que não tinha medo de trabalhar. — O testamento de Sir Charles indicava que, caso falecesse sem herdeiros vivos, a propriedade ficaria para qualquer familiar, em linha paterna, claro. Embora tivesse sido necessário remontar a muitas gerações, essa honra coube-me a mim. Significa isso que, se a menina for realmente a Rebecca Ravenshaw, somos parentes muito afastados.

Sorriu-me, passando a mão pelo cabelo, algo comprido e preto retinto, à exceção dos brancos perto do risco. Dava-lhe um ar lupino e perigoso, mas, quando deixei o olhar descer e cruzar-se com o seu, os olhos dele eram de um castanho líquido, calorosos e com rugas de expressão e do sol.

Não consegui evitar sorri-lhe também. Talvez pudesse confiar nele. Talvez.

— Estou aqui instalado há menos de um mês, após ter sido avisado da morte dos Ravenshaws, quando a menina Ravenshaw veio reivindicar a propriedade. Mudei-me para o chalé das visitas, temporariamente, enquanto procurava residência e depois... bem, com a morte dela, deixou de ser necessário encontrar casa.

Morte pelas suas próprias mãos ou pelas de alguém? Não pude deixar de me interrogar, como já tinha sido sugerido.

— Quanto à situação atual — prosseguiu ele —, tratei de que a menina tenha acesso a recursos para roupa, compras de casa, e outras questões pessoais, enquanto o assunto estiver a ser tratado.

Era inesperado. Inesperadamente bem-vindo e atencioso. Pensei no meu fundo de maneio, apenas mais algumas moedas do que as

da viúva da Bíblia, e quase desatei a chorar de gratidão. Levantei-me impulsivamente, avancei para onde ele estava sentado e lancei os braços à sua volta por momentos. Embora ele não se tivesse encolhido, também não se mexeu. Recuei, mortificada, e voltei para o sofá.

Uma senhora como deve ser não se prostraria perante um estranho! Perante ninguém. Olhei para o fundo da sala, onde a Annie olhava, boquiaberta.

— Peço desculpa — disse, recolhendo a minha dignidade, espalhada pelos quatro cantos. Ele fez um gesto de descaso perante aquela infração ao protocolo. — Não tenho para onde ir enquanto o assunto estiver a ser tratado — continuei. — Certamente que lhe pagarei todos os gastos incorridos entretanto. Devem ser só alguns meses. Lamento imenso a inconveniência.

Ele assentiu brevemente.

— De certeza que os Ravenshaws teriam preferido que eu fosse generoso, e serei, embora precise de um relatório completo e de um reembolso, caso o assunto não se resolva como a menina pensa.

Os Ravenshaws. A implicação era que eu não era um deles. Ia ripostar quando me lembrei de que o Dr. Highmore dissera que o Capitão Whitfield me poderia mandar embora assim que se cansasse da sua generosidade, até se comprovar a minha alegação.

— Pedi à Sra. Blackwood que começasse a preparar a casa para a sua chegada — continuou o Whitfield, num tom sereno e de comando. — Já marquei algumas remodelações à propriedade e aos edifícios, e continuarei a supervisioná-las.

» Tomarei as refeições na sala de jantar, pois só há uma cozinha. A menina pode fazer-me companhia se quiser. Deixarei o Landreth a tratar da casa. Eu e o meu camareiro, o Thornton, residiremos no chalé das visitas, por enquanto. Costumo estar fora a negócios, e a criada de dia pode tratar das nossas precisões.

Ele parecia ter terminado. Levantei-me.

— Não fazia tenção de o tirar imediatamente da casa principal.

Ele sorriu, e, quando o fez, até sustive o fôlego perante a beleza do seu rosto.

— Está a sugerir que eu fique em casa consigo, numa união irregular?

— Certamente que não! — Depois apercebi-me de que ele estava só a provocar-me, e acalmei-me.

— Que ninguém diga que neguei a uma herdeira *legítima* a sua casa, seja por que tempo for — disse ele. A voz ficou soturna, e o humor também, pois levantou-se e pegou nas luvas abruptamente. — Marquei vários eventos sociais para os próximos meses. Já foram enviados convites e já se tratou das provisões. Se não se importar, preferia não revogar nada, pois muitos dos convidados andam em trânsito de Londres durante a temporada, com agendas preenchidas, e não queria nada causar-lhes transtornos. A menina é bem-vinda nesses eventos, com certeza.

— Parece-me esplêndido, e espero conhecer os vizinhos.

— Decerto terão muita curiosidade em conhecê-la... embora deva perdoar-lhes se pensarem que já a conheciam.

— Acerca dela... — comecei.

— Decerto tem perguntas, mas talvez sejam mais adequadas depois de o Dr. Highmore concluir a investigação, se a ocasião surgir.

Ele não acreditava em mim. Ninguém acreditava. Todavia, por alguma razão, estava disposto a deixar-me viver na casa, enquanto se retirava para o chalé. Seria cavalheirismo? Talvez. Porém, era solícito, embora fosse a pessoa que mais tinha a perder com a minha alegação. Eu trataria de descobrir porquê.

— Agora, se me der licença, tenho um compromisso. — Fez um aceno de cabeça e saiu.

Atravessou o relvado, passou pelas cocheiras, até à estrebaria, todos edifícios bem cuidados, e foi saudado pelo moço de estrebaria. O seu andar aligeirou-se quando se acercou do jovem, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

Em seguida, atravessou o relvado a cavalo e seguiu para as colinas atrás da casa. Tinha alguém à sua espera, também a cavalo, o longo vestido de montar a adejar nas pernas, cabelo louro-arruivado a sair-lhe do bonito coque. Uma mulher mais velha seguia atrás deles, também a cavalo. A dama de companhia, talvez.

Virei-me e olhei para a Annie, que ainda me mirava num misto de choque e assombro.

— Não costumo abraçar estranhos — disse-lhe em voz débil, à guisa de explicação. — Mas fiquei-lhe tão grata!

Ela pegou no espanador e retomou o trabalho.

— Não tem de me explicar nada, menina, nem isto nem coisa nenhuma. Sou a criada, a menina é a dona da casa... por enquanto. Seja como for, todas as senhoras ficam caidinhas por ele, mesmo quando prometem a si mesmas não ficar.

Ia objetar quando me ocorreu um verso de Hamlet: «Parece-me que a senhora protesta em demasia.» Decidi calar-me para ela não ficar mal impressionada.

UM ROMANCE FASCINANTE
PASSADO NA INGLATERRA VITORIANA,
REPLETO DE MISTÉRIO, INTRIGA E PERIGO.



Em 1858, a jovem Rebecca Ravenshaw, filha de missionários, volta a Inglaterra após a morte dos pais, na Índia. Ao regressar, descobre que a sua identidade é questionada por todos, uma vez que uma impostora, que entretanto morreu, se fez passar por ela, assumindo o seu nome e ficando com a propriedade e o dinheiro da família.

Rebecca vê-se então obrigada a provar quem é para herdar o que lhe é devido, pois os seus bens estão agora na posse do Capitão Whitfield, um parente distante. Mas, sem o esperar e contra a sua vontade, Rebecca acaba por se apaixonar...

Estará o Capitão Whitfield igualmente apaixonado por Rebecca, tal como aparenta, ou apenas interessado na herança? E correrá Rebecca o risco de o seu destino ser o mesmo da pessoa que se fez passar por ela?



«Ao introduzir na sua história mistério,
tensão e emoção, Sandra Byrd consegue um equilíbrio
excelente entre a obscuridade de um romance gótico
e a doçura de uma história de amor.»

PUBLISHERS WEEKLY

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20/20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8917-46-1  9 789898 917461 Literatura Traduzida</p>
---	--